

BIBLIOTECA DE AUTORES CLÁSICOS

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.facebook.com/INCM.Livros

editorial.apoiocliente@incm.pt

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO

Teogonia

Trabalhos e Dias

AUTOR

Hesíodo

DESIGN DA COLEÇÃO

www.whitestudio.pt

PAGINAÇÃO E CONCEÇÃO DA CAPA

INCM

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

INCM

REVISÃO DO TEXTO

Carlos Marques/INCM

TIRAGEM

1000 exemplares

2.ª EDIÇÃO

novembro de 2014

ISBN 978-972-27-2245-2

DEPÓSITO LEGAL N.º 364 811/13

EDIÇÃO N.º 1019755

HESÍODO

—

TEOGONIA

TRABALHOS E DIAS

2.^a EDIÇÃO



BIBLIOTECA DE AUTORES CLÁSSICOS

TEOGONIA
TRABALHOS E DIAS

—
HESÍODO

PREFÁCIO

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS

ANA ELIAS PINHEIRO

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA
LISBOA 2014



PREFÁCIO

Se Hesíodo e Homero foram ou não contemporâneos, e quais as suas obras autênticas, é assunto que ainda hoje se discute e já se discutia na Antiguidade. Assim, quanto ao primeiro ponto, o historiador Heródoto escreveu (II.53):

Efetivamente, penso que Hesíodo e Homero são anteriores a mim uns quatrocentos anos, e não mais.

Tal afirmação coloca-os, portanto, no século IX a. C. E, no século II da nossa era, ainda Pausânias havia de declarar, na sua *Descrição da Grécia* (IX.30.3):

Quanto à data de Hesíodo e Homero, depois de me ter esforçado grandemente por apurar a verdade com todo o rigor, não me aprouve escrevê-lo, por saber quanto há de controverso nesta questão, sobretudo entre os críticos da epopeia meus contemporâneos.

A questão há de ressurgir nos finais do século XVIII, a partir dos trabalhos de F. A. Wolf, que abrangem sobretudo Homero, mas também Hesíodo, com base, designadamente, na suposta inexistência de um sistema de escrita, e conseqüente impossibilidade de compor e memorizar poemas tão extensos. Sem entrarmos em pormenores¹, recordaremos apenas que daí descendem as teorias analíticas e, a partir de 1928 (embora só viessem a exercer grande influência pelos meados do século), a da improvisação oral, de Milman Parry, e a do ditado, do seu sucessor, A. B. Lord. E aqui nos encontramos com outros dois fatores que estão no âmago desta discussão: a data da introdução do alfabeto e as escavações em países do

1. Pelo que toca à Questão Homérica, desnecessário é dizer que existe uma bibliografia interminável. Pode ler-se um resumo atualizado em POWELL (2004: 3-34).

Próximo Oriente, que, por sua vez, propiciaram o conhecimento de outros sistemas de escrita², em que se conservaram muitos textos literários.

Quanto à introdução do sistema alfabético, que os próprios Gregos consideraram de proveniência fenícia, a sua data provável tem vindo a recuar nos últimos tempos, à medida em que se encontram inscrições cada vez mais antigas. Atualmente supõe-se, na generalidade, que o acontecimento terá ocorrido não muito depois de 800 a. C.³

Por outro lado, diferentes dados, trazidos do Próximo Oriente, tinham começado a ser conhecidos. Assim, na segunda metade do século XIX, decifrou-se a escrita cuneiforme dos Acádios, que revelou o poema babilónico *Enuma Elis* e a epopeia de *Gilgamesh*, e, em 1929, começaram as escavações em Ugarit, onde apareceram textos em hitita, que começaram a ser lidos nas décadas seguintes. Assim se tornou conhecida a versão nessa língua (embora vinda de antecedentes hurritas) da *Canção de Kumarbi* (que seria de meados do segundo milénio a. C.).

Do conhecimento dos novos textos e da descoberta de paralelismos com as histórias narradas por Homero e Hesíodo têm resultado, sobretudo a partir dos meados do século XX, numerosos estudos, de entre os quais se destaca, nos últimos anos, o livro de M. L. West, *The East Face of Helicon* (Oxford, 1997), que analisa com pormenor as semelhanças temáticas e até estilísticas entre os poemas orientais e os gregos.

Recebida pela crítica com admiração, mas também com algumas reservas⁴, a obra acumula um sem número de exemplos. Pelo que toca ao nosso autor, o mito da sucessão divina, que ocupa largo espaço na *Teogonia*,

2. Não entram neste grupo, como é evidente, as escavações em Creta, principiadas em 1900 por A. Evans, nem a descoberta, aí e noutros lugares da Grécia, de um sistema de escrita silábico, o Linear A (ainda por decifrar) e o Linear B, identificado em 1953 por Ventris e Chadwick como um dialeto grego muito antigo, o micénico.

3. Esta nova datação tem por base o achado de três *graffiti*, breves e fragmentados, em Lefkandi, na ilha de Eubeia, datáveis de c. 750 a. C. A tendência atual é para situar a criação do alfabeto grego nessa mesma ilha, que tantas surpresas têm trazido aos arqueólogos (POWELL, 1997: 22). O mesmo autor acentua que a descoberta do fonema em representação gráfica foi «um feito grego» (POWELL, 1997: 12). Do mesmo modo, WOODARD (1997: 135) reconhece que «os Gregos não só adoptaram o sistema consonântico

da escrita fenícia, mas modificaram-no de um modo fundamental».

4. Vejam-se, em especial, as resenhas do orientalista GEORGE (2000: 103-106) e do helenista DOWDEN (2001: 167-175).

deverá ser proveniente, em grande parte, do modelo babilônio de *Enuma Elis* e sobretudo do poema hitita *A Canção de Kumarbi*, ao passo que preceitos de vária ordem de *Trabalhos e Dias* se aproximariam principalmente dos *Ensinamentos de Shuruppak*, que ascendiam aos Sumérios.

Não vamos deter-nos na análise do material acumulado por West, nem nos antecedentes desta nova fase do orientalismo, sumariadas na recensão de Ken Dowden⁵. Queremos somente sublinhar que, tal como esse especialista, temos sempre em mente «o perigo da similitude não significativa», que, «em questões de poesia, há muita coisa que tem probabilidades de ser uniforme entre muitas sociedades arcaicas», e, sobretudo, que «precisamos de hesitar antes de privilegiar as semelhanças grego/próximo oriente, especialmente quando se perdeu uma parte tão grande da tradição indo-europeia»⁶. Por outro lado, o capítulo final do livro, relativo à questão da transmissão, não obstante a acumulação de dados históricos, não resolve as dúvidas principais, como o modo de transmissão. Aí reside, para nós, a objeção maior.

Aliás, o próprio West assinala, de passagem, a existência de diferenças. Uma é a ausência do Hino às Musas, na abertura da *Teogonia*, divididas essas que ele reconhece não terem qualquer equivalente na tradição poética da Ásia Ocidental⁷. Outra é, no mesmo poema, a anteposição de uma cosmogonia à teogonia⁸. Outra ainda, nos *Trabalhos e Dias*, é a presença, no mito das idades, de uma geração, a dos heróis, que não figura nas narrativas orientais nem aliás noutras que foram compostas posteriormente⁹.

O especial valor destes três exemplos não pode deixar de ser realçado. Assim, o Hino às Musas, no próêmio da *Teogonia* (vv. 1-115), contém a

5. DOWDEN (2001). Note-se que as semelhanças entre os mitos de Hesíodo e os do Próximo Oriente já tinham sido assinalados por outros autores, designadamente por LESKY (1955: 35-52) e por WALCOT (1966). Entre nós, o primeiro artigo sobre a questão foi, que sabemos, o do P^o E. DIAS PALMEIRA, «Elementos orientais na poesia homérica [e hesiódica]», *Itinerarium*, 59 e 65 (1968), 103-113 e 418-427.

6. DOWDEN (2001: 173).

7. WEST (1997: 170, 216). Assim entende também CLAY (2003: 4, 80). NISBET (2004: 147-163) vai ao ponto de rejeitar a autenticidade deste passo — sem fundamento, a nosso ver.

8. WEST (1997: 288).

9. WEST (1992: 316). Lembre-se, entre as versões romanas, a de Ovídio, *Metamorfoses*, 1.89-150, que só conhece quatro idades.

primeira distinção entre poesia e verdade (vv. 26-28), uma cena de investida poética (vv. 29-34) e um catálogo dessas divindades, cujos nomes são preludiados em versos anteriores (vv. 63-79). Trata-se, portanto, de uma série de nomes falantes, que constituem aquilo que B. Snell foi, que sabemos, o primeiro a chamar «uma poética em forma teológica»¹⁰. Efetivamente, fala-se da glória que os versos concedem, da variedade e encanto da música que os acompanhava, dos festins em que podia ser escutada.

Quanto à presença de uma cosmogonia antes da teogonia, já G. S. Kirk observou que tal alteração é um prenúncio do racionalismo grego¹¹. Outro aspecto não menos significativo, apontado por A. Lesky, é o facto de a luta pela sucessão divina não ser apenas uma sucessão de violências exercidas pelos deuses a fim de alcançarem a soberania, mas o caminhar difícil para a ascensão de Zeus ao poder, e, com ele, o triunfo da Justiça¹².

O mito das Cinco Idades, que figura em *Trabalhos e Dias* (vv. 109-201), na medida em que apresenta a história da humanidade como uma sucessão de raças que vão perdendo qualidade desde o ouro ao ferro, passando pela prata e pelo bronze, é um motivo comum a outros povos antigos. A grande diferença é que, em vez da degenerescência contínua que os metais simbolizavam, aparece uma quinta raça entre o bronze e o ferro, que é a dos heróis, sobre cuja presença muito se tem especulado. Das numerosas exegeses propostas, parece-me mais convincente a de T. G. Rosenmeyer, que entende tratar-se da inserção de reminiscências históricas de importância: as da época dos heróis de Troia e de Tebas, cuja gesta estava sempre presente na memória coletiva grega¹³.

Outra questão já discutida pelos Antigos é a da autenticidade das obras que têm sido atribuídas ao poeta. O mesmo Pausânias que citámos no começo deste prefácio conta que os Beócios que habitavam na região em volta do Monte Hélicon lhe haviam falado de uma tradição segundo a qual

10. SNELL (1995: 66). Observe-se que os nomes das nove Musas, que ocorrem aqui pela primeira vez (os Poemas Homéricos invocam-nas sem as nomearem), serão usados indiferentemente — ao contrário do que em geral se julga — durante séculos. Só a partir do século II da nossa era é que recebem atribuições específicas.

11. KIRK (1962: 91). Ao discutir o que ele chama «esquema genealógico», BURKERT (1981: 22) observa que «tem um alcance ainda maior, quando poderes abstractos são representados como geradores e procriadores» e prossegue «isto é quase já alegoria e invólucro narrativo de relações sequencialmente pensadas».

13. ROSENMEYER (1957: 257-285).

12. LESKY (1955: 35-52).

Hesíodo nada mais compusera do que os *Trabalhos e Dias*, e desse poema retiravam ainda o Hino às Musas¹⁴, afirmando que o começo era a parte referente às Érides. Diversamente, continua o Periegeta, outros afirmavam que dele eram numerosos outros poemas, como o *Catálogo das Heroínas*, o *Grande Catálogo das Heroínas*, a *Teogonia*, a *Melampodia*, a *Descida ao Hades de Teseu com Pirítoos*, os *Preceitos de Quíron* (IX.31.4-5).

Deste conjunto de obras, a que outras se foram juntando, como o *Escudo de Hércules*, a *Astronomia* e a *Ornitomancia*, a crítica atual só tem por autênticos, além de fragmentos¹⁵, a *Teogonia* e os *Trabalhos e Dias*. É desses que vamos ocupar-nos nas suas linhas gerais.

Da *Teogonia* dissemos já que abre com o Hino às Musas (vv. 1-115), que cantam e dançam em volta da fonte e do altar de Zeus Crónida, no alto do Monte Hélicon. É só depois de terminada essa cena inesquecível, que envolve a investidura poética, que se estabelece a genealogia dos deuses (cuja origem já estava preludiada a partir do v. 106), mas que só agora vai articular-se cronologicamente, a partir de um elemento primordial que tem sido objeto de muita discussão, Caos («abismo hiante»), a que se seguem Gaia («Terra») e Eros¹⁶. A partir destes, começam a surgir outros elementos da natureza: de Caos provêm Érebo e Noite e, de Gaia, Urano («Céu»), as Montanhas, o Mar. Só depois disto se enumeram as uniões entre os deuses, Gaia e Urano, donde nascerão os Titãs, os Ciclopes e os Hecatonquiros («Cem-Braços»); e começa a luta pela sucessão, que, além desta primeira fase, em que Cronos, filho de Urano, mutila o pai, outra surgirá em que, por sua vez, Cronos será destronado por seu

14. Para CLAY (2003: 175), «as Musas são essenciais ao termo da Teogonia. Sem o seu auxílio e intervenção, Hesíodo, como simples mortal, não pode ter acesso ao conhecimento dos começos do cosmos e da evolução da ordem divina».

15. MERKELBACH e WEST (1967) dão como autênticos, além dos poemas mencionados por Pausânias, fragmentos de *Bodas de Céix*, *Dáctilos*, *Ideus*, *Grandes Trabalhos*, *Astronomia*, *Forno* e, talvez, *Egímio*.

16. Embora todos os manuscritos mencionem o Tártaro entre estes elementos, pertencemos ao número dos que, com base na omissão dos vv. 118-119, em que ele é referido, por PLATÃO, *Banquete*, 178b, e ARISTÓTELES, *Metafísica*, 984a27, os têm por apócrifos. West, que os aceita na sua edição, formula, no entanto, a hipótese de Hesíodo ter usado inicialmente «o trio Caos, Terra, Eros, e inserido o Tártaro mais tarde, quando chegou à Titanomaquia» (WEST, 1966: 194). Para CLAY (2003: 16), o plural *Tartara* representa apenas o interior da Terra.

filho Zeus, quando este, auxiliado pelos Cem-Braços, vence finalmente os Titãs e os enclausura no Tártaro. A luta pelo poder conhecerá, porém, um novo perigo: o terrível monstro Tifeu, produzido pela união de Gaia e de Tártaro. Uma vez alcançada a vitória, Zeus obtém a realeza, com aprazimento geral, e reparte as honrarias pelos deuses (vv. 881-885).

A autenticidade dos versos que se seguem, até ao v. 1022, tem sido muito discutida¹⁷. Os mais ousados, como P. Mazon, aceitam colocar o final na bela despedida aos deuses olímpicos e evocação da paisagem grega: ilhas, continente e mar salgado (vv. 963-964). Outros, como Aly e Jacoby, vão até ao v. 929 (geração de Hefestos por Hera, como resposta à criação de Atena por Zeus). West coloca o termo do poema no v. 900, com o nascimento da deusa de olhos garços, resultante da união de Zeus com Métis («Esperteza»). E aqui se insere mais uma variante da ameaça de um deus ser vencido por um filho mais forte do que ele, perigo que Zeus supera (prevenido por Gaia e por Urano), engolindo a sua consorte, pelo que será da sua cabeça que Atena vai nascer¹⁸.

Embora West apresente argumentos de ordem estrutural, histórica, estilística e linguística para fundamentar a sua tese¹⁹, é difícil aceitar que, dizendo o poeta que Métis fora a primeira esposa, não se seguisse, como efetivamente sucede, um catálogo das muitas outras, às quais correspondem personificações dos atributos do deus supremo, como Témis («Rectidão»), que por sua vez gera Eunomia («Boa Ordem»), *Dike* («Justiça») e Eirene («Paz»), bem como as Parcas. Mais adiante menciona-se de novo Mnemósine («Memória»), mãe das Musas. Por outro lado, o estilo da enumeração e o carácter repetitivo de alguns mitos, como o do nascimento das Musas e o da própria Atena, devem pôr-nos de

17. Como escreveu CLAY (2003: 30), é «uma questão sobre a qual parece que não há dois especialistas que estejam de acordo».

18. Esta lenda tem variantes, de que a mais conhecida (quer em poemas, quer em pinturas de vasos) é a de Zeus se ter afastado de Tétis, ao tomar conhecimento de que poderia incorrer num perigo similar, caso se unisse a ela. Pelo que a deusa desposou um mortal, Peleu, de quem conceberia Aquiles. Sobre a questão, vide WEST (1966: 401-403), com bibliografia.

19. WEST (1966: 398-399).

sobreaviso. Por sua vez, a descendência de outros deuses, que vai até ao v. 964, é seguida de uma invocação às Musas, para que cantem as deusas que tiveram filhos de mortais. Também aqui o carácter tardio de muitos desses mitos tem levado os comentadores a duvidar da autenticidade desta continuação. Por último, os dois versos finais (vv. 1021-1022) são o início de outra obra, o *Catálogo das Heroínas*, de que, conforme já dissemos, se conservam fragmentos²⁰.

De toda a maneira, terá sido a versão mais extensa a obra de referência, ao lado dos Poemas Homéricos, que fazia as vezes de um compêndio que os Helenos, que não professavam uma religião de livro, não possuíam. Efetivamente, logo a seguir ao texto de Heródoto (II.53) mencionado no princípio destas considerações, pode ler-se²¹:

Foram esses os que inventaram aos Gregos a Teogonia e atribuíram aos deuses os seus nomes, que repartiram as suas honras e artes, e que descreveram a sua forma.

Um século antes do historiador, o pensador Xenófanes, ao insurgir-se contra a ausência de ligação entre religião e ética naquela concepção de divindade (frg. 11 Diels-Kranz), confirmava, afinal, o papel dessas obras. E o mesmo sucederá com outros filósofos, designadamente com Platão, que, no passo famoso da *República* (606e-607a) em que faz a condenação da poesia²², ao negar que Homero fora o educador da Grécia, dá um testemunho precioso sobre a opinião prevalecente no seu tempo.

O didatismo característico de Hesíodo atinge o seu máximo nos *Trabalhos e Dias*. Aqui, como noutros poemas didáticos antigos, a obra tem um destinatário. Porém, este não é um filho do autor²³, mas um irmão, Perses, que, pela sua negligência e ociosidade, já dissipou a herança paterna

20. Sobre as diversas teses relativas à autenticidade do *Catálogo das Heroínas*, vide CLAY (2003: 164-174).

21. Abstraímos aqui da confirmação da existência de nomes de numerosos deuses em tempos micênicos, confirmação essa que se vai alargando à medida que se vão decifrando novas tabuinhas escritas em Linear B.

22. Repare-se que a condenação não é total, como geralmente se afirma, uma vez que se admitirão na cidade ideal «os hinos aos deuses e os encómios aos varões ilustres».

23. Como, por exemplo, no mais antigo de todos os *Ensinamentos de Suruppak*, cuja primeira versão data de c. 2500 a. C. Escrito primeiro em sumério, terá sido traduzido para acádio c. 1800 a. C.

e pretende apropriar-se da parte que coubera a Hesíodo, por meio do suborno dos reis. Se a figura de Perses é real ou fictícia, é assunto que tem sido e continua a ser objeto de larga discussão. Somos dos que entendem que a vivacidade das imprecações contra o irmão preguiçoso e gastador aponta para a primeira hipótese, embora reconheçamos que a sua presença como destinatário do poema se vai apagando sucessivamente²⁴.

De qualquer modo, é uma situação dessas que configura a presença de um tema fundamental nesta obra: o valor da Justiça e do Trabalho²⁵. O primeiro destes conceitos surge logo na invocação às Musas para que celebrem Zeus (vv. 1-10), a quem pede que seja garante da Justiça. Logo a seguir, a alegoria das duas Érides, a que é malvada e conduz à discórdia, e a que é benfazeja, porque baseada no Trabalho, anuncia o outro valor (vv. 11-26). O procedimento de Perses e o dos reis «devoradores de presentes» introduzem a grande querela (vv. 27-41). Os ensinamentos exprimem-se de seguida no plano mítico: o castigo de Zeus a Prometeu, por ter roubado o fogo para o dar aos homens, e a retaliação do deus supremo, enviando-lhe Pandora, a primeira mulher que, por curiosidade, destapa a vasilha onde se continham os males, deixando apenas a Esperança (v. 105). Nova explicação mítica sucede a esta, a das Cinco Idades, a que já aludimos (vv. 101-201)²⁶. Outro processo da literatura sapiencial, que virá a ter grande difusão entre os Gregos, surge então pela primeira vez: uma fábula, a do falcão e do rouxinol, endereçada aos reis (vv. 202-212)²⁷.

24. Esta é a exegese proposta por WEST (1978: 33-36), depois de analisar as várias teorias. Por sua vez, CLAY (2003: 34) resume exemplarmente, a nosso ver, a situação: «Podemos chamar, a esta interacção implícita entre Hesíodo e o seu silencioso irmão, a educação de Perses.» NISBET (2004) exclui por completo a hipótese de um Perses real, de acordo, aliás, com a sua estranha classificação dos *Trabalhos e Dias* como um poema «satírico». Por sua vez, BEALL (2004: 6) sustenta, na esteira de Mark Griffith, que as personalidades «do próprio poeta como participante, do irmão e do pai — servem finalidades literárias, quer se baseiem ou não numa biografia real».

25. Assim entendem, entre outros, MAZON (1928: 71-72) e FRÄNKEL (1962: 125).

26. Conforme observa CLAY (2003: 38), «conquanto aparentemente muito diferentes, as duas histórias partilham um certo enquadramento comum: ambas contam um estado anterior mais feliz da vida humana e sua perda; e em ambos os casos Zeus é a força motriz por trás desse declínio».

27. As inconsistências que é fácil detetar nestas histórias têm sido apontadas por vários helenistas, entre os quais WEST (1978: 204-205) e, mais recentemente, NISBET (2004: 152, 154).

É então que principia a grande exortação à Justiça, dirigida a Perses, e não menos aos reis «devoradores de presentes» (vv. 213-285). A exortação ao Trabalho, como meio de alcançar uma vida digna e como valor moral («Trabalho não é vileza, vileza é não trabalhar» — lê-se no v. 311), e uma enumeração de preceitos de vida vão completar esta série de conselhos.

Do v. 383 ao v. 617 desenrola-se o chamado «calendário agrícola», no qual se destacam duas descrições famosas: a do inverno e a do verão. Uma outra atividade é descrita como segunda escolha: a navegação (vv. 618-694)²⁸. O trecho em questão, muito reduzido, se comparado com o consagrado à agricultura, contém, no entanto, duas referências fundamentais para o leitor de hoje: uma, à origem do pai e ao lugar onde ele veio estabelecer-se, Ascra, perto do Hélicon, «má no inverno, dura no verão, nunca boa» (v. 640); outra, à vitória do poeta num concurso de aedos — única vez em que andou de barco, de Áulide até à ilha de Eubeia — proposto pelos filhos do «valoroso Anfídamente», em Cálcide, e à oferta que do seu prémio fez às Musas do Hélicon, no lugar onde elas o haviam colocado nos caminhos da poesia. Três dados confluem aqui para tentar estabelecer a naturalidade e a cronologia da obra de Hesíodo: assim, a conjugação da vinda do pai da Eólida para Ascra com a da declaração de só uma vez ter viajado por mar pode levar à conclusão de que o nascimento do poeta ocorreu nesta aldeia da Beócia; o concurso de canto, esse, é agora datável com muita aproximação pelas escavações arqueológicas na ilha de Eubeia, que provam que a Planície Lelantina, onde pereceu o herói, foi destruída e não mais habitada pouco depois de 700 a. C.²⁹; a consagração do prémio (uma trípede com asas), no Monte Hélicon, às Musas que o haviam inspirado aponta para a anterioridade da *Teogonia*³⁰.

Terminada esta parte com um daqueles preceitos característicos da cultura grega («observa a justa medida, em tudo a ocasião é o prin-

28. É a propósito deste breve manual da arte da navegação, a que o poeta se diz avesso, que West (1978: 55) observa, com razão, que ele «só fala do que pode ser visto de terra».

29. Cf. BARRON e EASTERLING (1985: 93).

30. Desnecessário será sublinhar que todas estas interpretações têm sido postas em causa. A da identificação do poema cantado em Cálcide com a *Teogonia*, proposta por WADE-GERY (1958: 8), foi consolidada com novos argumentos por WEST (1955: 44-46).

cipal» — v. 694)³¹, o poema continua com uma série de conselhos de vária ordem (vv. 695-794), a que se segue uma enumeração de dias fastos e nefastos para qualquer atividade (vv. 765-828). São os *Dias*, que muitos têm qualificado de apócrifos, mas sobre os quais não podemos deixar de subscrever a prudente conclusão de West, depois de ter analisado os vários argumentos³²: «tudo somado, encontro mais razões para acreditar na autoria de Hesíodo do que para a pôr em dúvida».

Em anexo à tradução destas duas obras, acrescentamos o *Certame entre Homero e Hesíodo*, que geralmente se pensa terá sido composto, na sua versão inicial, no século v a. C., pelo sofista Alcidas³³.

Ao apresentar, em traços muito gerais, os dois poemas tidos por autênticos³⁴, não faltaram ocasiões de referir dúvidas que persistem e que, em muitos casos, a arqueologia poderá resolver melhor do que a decifração de textos orientais, cuja via de transmissão é em extremo obscura. Esperamos, no entanto, que tenha ficado clara a importância que ambos assumem nos alvares da cultura europeia, ao exaltarem, sob a forma de mito ou de parénese, o valor da Justiça e do Trabalho.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

31. Tanto o elogio da justa medida (*metron*) como o da ocasião (*kairos*) são motivos constantes na poesia helénica. As duas aparecem em conjunto em PÍNDARO, *Olimpicas*, 13, 47-48.

32. WEST (1978: 364-347). NISBET (2004: 162) vê no que apelida de «antigo título descritivo» a aceitação da falta de unidade do poema.

33. O opúsculo, que compreende também uma parte biográfica relativa aos dois poetas, chegou-nos numa versão que será da época dos Antoninos, a qual, por sua vez, descenderia de outra anterior. Para mais pormenores, *vide infra* «Introdução» ao *Certame entre Homero e Hesíodo*.

34. Não só autênticos como complementares, no sentido de que «um oferece uma perspectiva divina do universo, e o outro human», como defende CLAY (2003: 2).